

NOTAS SOLTAS DE NUMISMÁTICA HISPÂNICA(3)

António Marques de FARIA*

Fecha de recepción: 04/08/2022
Fecha de aceptación: 09/11/2022**Resumen**

Este artículo es el tercero de una serie, publicada en esta misma revista, que hemos dedicado a distintos aspectos de la numismática hispánica en la Antigüedad. Como en textos anteriores (Faria, 2020a; 2021), la epigrafía monetaria sigue mereciendo la mayor parte de nuestra atención. Todas las advertencias que hemos realizado previamente respecto al orden observado en el tratamiento de las cecas siguen vigentes.

PALABRAS CLAVE: Toponimia, Antroponimia, Hispania, numismática antigua peninsular

Abstract

This paper is the third in a series, published in this same journal, which we have dedicated to different aspects of Hispanic numismatics in Antiquity. As with previous texts (Faria, 2020a; 2021), monetary epigraphy continues to deserve most of our attention. All the warnings that we have issued on previous occasions regarding the order followed by us when dealing with the mints are still valid.

KEYWORDS: Toponymy, Anthroponymy, Hispania, Ancient Coinage, Iberian Peninsula

***Arse/arse**

Ao afirmar, a propósito da legenda monetária **arsPiCisTeeCiaŕ** (CNH 304:2, 5), que “*ársbikisteekiar* contiene una vibrante diferente que podría apuntar a una interpretación de *árs* no como topónimo sino como nombre personal (*ársbikis-teekiar*)”, Estarán (2021, p. 113, n. 21) está descaradamente a tentar apropiar-se daquilo que não lhe pertence (Faria, 1994a, p. 40, n.º 53; 1994b, p. 66; 1995a, p. 80; 1996, p. 153; 1998a, p. 247; 2000a, pp. 127–128; 2001a, pp. 96–97; 2003a, p. 213; 2004a, p. 278; 2007a, pp. 210–211; 2008a [2009a], p. 62; 2011 [2012], p. 150; 2020b, p. 11).

Não deixa de ser surpreendente que, num outro trabalho da mesma autora (Estarán, 2022, *passim*), destinado a analisar, numa perspectiva sociolinguística, a documentação escrita atestada em *Arse/Saguntum* na segunda metade do I milénio a.C., a existência da legenda monetária **arsPiCisTeeCiaŕ** nem sequer chegue a ser mencionada.

PaCarTaci < *Bagar(a/o)?

Várias têm sido as interpretações que, ao longo dos anos, temos conferido à legenda monetária **PaCarTaCi**, gravada numa dracma de imitação de *Emporion* (Villaronga i Garriga, 1998, p. 125, n.º 303). Esta poderá corresponder a um NP gaulês (dvandva), **Macartagios* (Faria, 2008a [2009a], p. 85; 2011 [2012], p. 167; 2014, p. 169; 2016, p. 162), composto por *macar-* (Evans, 1967, pp. 364–365; Prósper, 2002, p.

* Direção-Geral do Património Cultural (Lisboa). E-mail: afaria@dgpc.pt

185; Delamarre, *DLG*, p. 212; 2007, p. 225) e por *tago-* (Delamarre, *DLG*, pp. 431, 438; 2007, p. 233), caso a mesma não identifique um NP ibérico (Luján, 2005 [2006], p. 481; Faria, 2008a [2009a], p. 85) ou não contenha o NL**Bagar(a/o)*, do qual deriva o gentílico BAGARENSIS (TSall) (Faria, 2004b, p. 177; 2005a, p. 630; 2007b, p. 166; 2008a [2009a], p. 85; 2011 [2012], p. 167). Aliás, continuamos a crer que esta última hipótese é a mais plausível das três (Faria, 2008a [2009a], p. 85).

Independentemente da plausibilidade da identificação que estabelecemos entre a legenda monetária em questão e o topónimo do qual deriva o gentílico BAGARENSIS, escapa à nossa compreensão que, depois de todas as explicações que tivemos oportunidade de fornecer acerca da impossibilidade de fundir num só os NNL ibéricos **Bagar(a/o)* e *Bacasis* < **Bacasi* < **Bacas* (Faria, 2002a, p. 123; 2007b, p. 166; 2011 [2012], pp. 167–168; 2019, p. 63), Amela (2021a, pp. 32–33) tenha incorrido neste mesmo erro, cometido no passado por outros autores (Gómez-Moreno, 1949, p. 246; Pina, 2003 [2004], p. 201; *MLH* VI, pp. 232, 243), fazendo tábua rasa das inegáveis diferenças entre ambos.

Nunca será demais recordar que **Bagar(a/o)* e *Bacasis* < **Bacasi* < **Bacas* são duas cidades distintas, de cujas designações, aliás — e como seria de esperar —, derivaram gentílicos também diversos, sendo BAGARENSIS (*CIL* I² 709) e BACASITANO (dat.) (*IRC* III 50) os que correspondem a cada uma delas.

***PauIPon/Imperatoria Salacia**

Salinas, conquanto manifestando as necessárias cautelas (Salinas, 2021, p. 667 e n. 7), decidiu incluir temerariamente diversos magistrados constantes das cunhagens de *Ketouibon/Salacia* (*sic*) num estudo devotado aos edis da província romana da Lusitânia. É possível que os mesmos tenham efectivamente exercido um cargo uninominal de algum modo equiparável ao poder edilício romano, o que justificaria a sua denominação latina (Faria, 1992, p. 43; 1994a, pp. 35, 51, n.º 277, 53, n.º 347; 1996, pp. 167, 172). Em contrapartida, ainda que os referidos indivíduos possam ter sido qualificados como *aediles*, não restam dúvidas de que tais magistrados terão exercido as ditas funções em momento prévio à criação da província da Lusitânia por Augusto. Estamos, por conseguinte, perante um evidente anacronismo, pouco importando para o caso que Salinas (2021, p. 679) tenha decidido *ex cathedra* que terá sido César o promotor da municipalização de *Salacia*.

Por estranho que possa parecer, Salinas (2021, p. 669) preferiu transcrever como COR[ANIVS?] o NP gravado nos anversos de *CNH* 134:11, em prejuízo de COR‘ANI’(us), omitindo toda a literatura respeitante a este magistrado que foi produzida previamente ao trabalho de Curchin (2015) (Faria, 1989, p. 88; 1992, p. 44; 1994a, p. 43, n.º 126; 1995b, p. 145; 1996, p. 158). Salinas nem sequer se terá dado conta de que a correcção introduzida por Curchin (2015, p. 52, n.º 388) — L uel M CORANI(us) por COR[NELIVS?] — incidia exclusivamente sobre a leitura que este mesmo investigador havia alvitado noutro momento (Curchin, 1990, p. 177, n.º 388). Aliás, importa assinalar que a emenda alvitada por Curchin não reúne as condições necessárias para ser acolhida por completo, porquanto, ao invés do que supusemos durante alguns anos (Faria, 1995b, p. 145; 1996, p. 158), à luz da observação (fotográfica) de alguns espécimes pertencentes a esta emissão (*ACIP* 982; Mora, 2011, p. 95, fig. 20; < <https://www.biddr.com/auctions/jesuvico/browse?a=787&l=829056> >; < <https://www.numismatas.com/phpBB3/viewtopic.php?t=11936> >), não há qualquer letra gravada antes de COR‘ANI’(ou COR‘AN’I: *ad ACIP* 982) que seja susceptível de corresponder à abreviatura do respectivo *praenomen*.

Tanto Salinas (2021, pp. 669, 675) como Ferrer (2021, p. 73) admitiram, na esteira de Mora (2011, p. 97), que a sequência de abreviaturas A S, constante de diversos divisores de ***PauIPon** (ACIP 974, 976 e 982), deve desdobrar-se em A(*edilis*) S(*alaciensis*) em desabono de A(*edilis*) S(*emis*) (Faria, 1992, p. 43). Cremos, contudo, que a maciça aplicação de um S, clara abreviatura do NL *Salacia*, sobre a legenda toponímica indígena gravada debaixo do hipocampo representado nos reversos dos divisores CNH 135:12A-B deixa bem patente a intenção de oficializar a substituição do topónimo indígena pelo de origem latina, nada indiciando, por conseguinte, que, no plano político-administrativo, ambos tenham estado vigentes em simultâneo.

Num recente trabalho dedicado aos achados monetários efectuados no Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal), Conejo (2021, pp. 352, 354), ao ter decidido ocultar cuidadosamente todos os nossos contributos sobre a ceca de ***PauIPon**, omitiu o facto de o asse descoberto por António Inácio Marques da Costa (1910, pp. 75–76, Est. IX, figs. 539–540) — e não “Marquês de Costa” (Conejo, 2021, pp. 352, 354) —, pertencente à emissão CNH 134:5, foi por nós devidamente catalogado pela primeira vez (Faria, 1989, p. 97 e Est. III, n.º 10). Tal como seria expectável num trabalho sério e rigoroso, Pimenta & alii (2019, p. 72) não se eximiram de fornecer semelhante informação.

Ainda no tocante ao estudo assinado por Conejo (2021), impõe-se que registemos mais alguns reparos.

Assim, o asse que leva o n.º 7 no catálogo de Conejo (2021, p. 354) corresponde ao tipo CNH 133:3, e não ao tipo CNH 133:1, sendo bem visíveis os vestígios de algumas das letras pertencentes à legenda gravada no anverso diante da efígie de Hércules/Melqart. É nossa convicção que este exemplar partilha o cunho de anverso com um asse achado em Miróbriga (Santiago do Cacém, Setúbal), tendo este vindo, mais tarde, a fazer parte do acervo numismático do Museu Nacional de Arqueologia, onde tivemos oportunidade de o estudar (Faria, 1989, p. 96. e Est. II, n.º 5).

De resto, no inventário, elaborado por Conejo (2021, p. 352), de moedas de ***PauIPon/Imperatoria Salacia** com local de achamento conhecido, nenhuma referência é feita ao dito exemplar recolhido em Miróbriga, não sendo, tão-pouco, mencionado o asse catalogável no tipo CNH 133:1, encontrado em Coca (Segóvia), que foi erradamente atribuído à ceca de *Seks* (Blanco, 1990, p. 13). A informação ministrada por Blanco já tinha sido por nós corrigida num artigo saído há mais de duas décadas (Faria, 2000a, p. 129), tendo o mesmo merecido da parte de Conejo (2021), tal como, aliás, todos os outros textos que consagramos à ceca em apreço, um total e completo desprezo.

Focando-nos agora na segunda parte do NL latino que sucede a ***PauIPon**, Fornell (2021, p. 84, n. 41) e Encarnação (2021, p. 253), sem fornecerem um só indício passível de sustentar semelhante asserção, entenderam que *Salacia* é designação que se deve reportar directamente à exploração do sal. Ora, tal como vimos noutra oportunidade (Faria, 2001b, p. 75), trata-se de uma opinião, já expressa por outros autores, que está muito longe de ser consensual. Em contrapartida, nenhuma dúvida podem subsistir quanto à ausência de qualquer relação entre o NL *Salduba* (Correa, 2016, pp. 127, 434; *MLH* VI, pp. 619–620) e o lat. *sāl*, ao invés do que supõe Fornell (2021, p. 84, n. 41).

PeCose/**Begose* > **Egose* > *Egosa*

Recentes estudos vieram demonstrar a existência de uma ceca produtora de dracmas de imitação de *Emporion* que ostentam a legenda **PeCose** (Benages, 2020, *passim*; Villaronga Sánchez, 2020, pp. 34, 37; García, 2021, pp. 24, 44, 49). Já eram

conhecidos alguns exemplares pertencentes à sobredita ceca, mas nenhuma das legendas neles gravadas tinha sido alvo de uma transliteração correcta. **Cese** (CNH 52:103; ACIP 430), **Cose** (ACIP 429) e **TiCose** (CNH 52:102) constituem, por conseguinte, leituras a descartar. Assim sendo, cremos ser provável que as dracmas ACIP 429, 430, 432, além da que leva o n.º 458 na monografia de Villaronga i Garriga (1998, p. 133) exibam **PeCose** como legenda toponímica.

Não é fácil aceitar a existência de duas cecas ibéricas com nomes de tal modo semelhantes entre si como **Becose/*Begose* e **Betase/*Bedase*, o NL que De Hoz (1995a, p. 321; 2011, pp. 319, 429) acreditava ter identificado em CNH 52:108. Deste modo, afigurar-se-nos-ia mais razoável e económico atribuir a uma só ceca, neste caso, a **Begose*, as dracmas tradicionalmente adscritas a **Betase* (De Hoz, 1995a, p. 321; 2011, pp. 319, 429; Luján, 2007, p. 51; Moncunill, 2007, p. 135; Ferrer, 2012, p. 31; Faria, 2012, p. 93). No entanto, pelo menos a dracma ACIP 436 (= Villaronga i Garriga, 1998, p. 133, n.º 464) não permite que optemos por **olośTeCer:PeCoseáliř** em prejuízo de **olośTeCer:PeTaseáliř**. Em contrapartida, a dracma classificada com o n.º 465 por Villaronga i Garriga (1998, p. 133) admitiria uma transliteração do NL em causa como **PeCose**, na eventualidade de X conformar o segundo signo. No entanto, o pior estado de conservação deste exemplar relativamente à dracma ACIP 436 aponta para uma maior fiabilidade da transliteração **PeTase**, que, durante alguns anos, considerámos ser uma deturpação de **Pelse** (Faria, 1995c, p. 325; 1998b, p. 229; 2007b, p. 168; 2010 [2011], p. 97).

Na hipótese que, agora lançamos com as devidas ressalvas, de **Begose* ter sido o antecessor do NL *Egosa*, unicamente documentado por Ptolemeu (*Geogr.* 2.6.70), estaríamos perante mais um exemplo de aférese da oclusiva labial sonora, um metaplasmo comum ao (paleo)basco e ao ibero, cuja existência tem sido propugnada com maior ou menor convicção por diversos investigadores (Uhlenbeck, 1910, p. 92; Gavel, 1921, pp. 329–330; Michelena, 1977², pp. 253 e n. 48, 531–532; 1972, p. 25; Mariner, 1972, p. 295; Gorrochategui, 1984, p. 187; Quintanilla, 1998, pp. 269–270; Belasko, 1999², p. 85; Faria, 2002a, pp. 124, 138; 2003a, pp. 218–219; 2017, pp. 84–85; Ferrer, 2006 [2008], p. 152 e n. 79; 2007 [2008], p. 69, n. 44; 2018, p. 247; Pérez Orozco, 2007, pp. 104, 114; Oribe, 2011 [2013], p. 338; Yarza, 2015, p. 351; Rodríguez, 2018, pp. 193–198).

Afigura-se-nos bem menos plausível a individualização em **Begose* > **Egose* > *Egosa* de um prefixo *b-*, um fenómeno morfológico de muito duvidosa existência, que De Hoz (1995b, p. 275) quis divisar nas legendas monetárias **PenTian** e **PolśCan** (ou **PolśCen?**).

Ainda a propósito das legendas gravadas em dracmas de imitação emporitanas, muito embora esta seja uma questão que, pelo menos à primeira vista, não se prende directamente com o tema aqui tratado, também a transliteração **JaTaCi**], que chegámos a alvitrar (Faria, 2007b, p. 166) em alternativa a **RKOS...**, postulada por Villaronga (1998, p. 133, n.º 460) para a legenda gravada em ACIP 432, deve dar lugar a **aCos** (Faria, 2007b, pp. 175–176) ou, caso a mesma esteja incompleta em ambos os limites, a **JaCos**].

Pelse/*Belse

Já por mais de uma vez equacionámos a eventualidade de este NL, documentado em CNH 42:41a, 44:54 e 52:105 e noutros numismas recentemente identificados (García, 2020, *passim*; 2021, pp. 28–29), estar na origem do gentílico atestado no Bronze de Ascoli (ILLVERSENSIS) e em Plínio (*nat.* 3.24) (*Illursenses*): **Illuersa* <

**Ildubelse* < **Belse* (Faria, 1995c, pp. 324–325; 1998b, p. 230; 1999a, p. 155; 2003a p. 217; 2006, p. 120; 2007b, p. 167; 2012, p. 92). Outra hipótese, também da nossa responsabilidade, consistiria em filiar o dito gentílico no NL **Bersa*, designação de uma cidade a situar em território hispânico, nas proximidades do vale médio do Ebro, possivelmente a norte deste rio (Faria, 1994b, p. 65), homónima da que se localiza na Narbonense, testemunhada em *CNH* 439:1–2 (Faria, 1994b, p. 65; 1995a, pp. 80–81; 1995c, pp. 324–325; 1999a, p. 155; 2003a, p. 217; 2004b, p. 177; 2005b, p. 278; 2009 [2010], pp. 163–164; 2012, p. 92; 2017, p. 89; 2021, p. 26). No pressuposto, perfeitamente razoável, de que uma destas duas hipóteses corresponde à realidade, não faz grande sentido afirmar que o NL subjacente ao gentílico *ILLVERSENSIS* não conhece qualquer outra atestação (*contra*, De Hoz, 2011, p. 43; *MLH* VI, p. 445; García, 2021, p. 29).

Há alguns anos (Faria, 2017, p. 89), vimo-nos na contingência de chamar a atenção de Amela para o que, na altura, considerámos ser uma deturpação involuntária do nosso posicionamento — sempre apresentado como alternativa a uma mais verosímil evolução **Illuursa* < **Ildubelse* < **Belse* — favorável à probabilidade de ser **Bersa* o NL subjacente ao gentílico *ILLVERSENSIS* (< **Ildubersa* < **Bersa*) (Amela, 2016, p. 40).

Não pudemos, por conseguinte, conter a nossa surpresa ao constatarmos que Amela (2021a, p. 36, n. 21), decorridos quatro anos sobre o nosso alerta, continuou sem fazer o mínimo esforço no sentido de tentar entender o que, desde 1994, vimos escrevendo acerca deste NL.

Recapitulando: ao contrário do que Amela (2016, p. 40; 2021a, p. 36, n. 21) quer fazer crer, em momento algum sustentámos que a cidade localizada no sudoeste da Gália, cujo nome se encontra documentado em *CNH* 439:1–2, deve ser identificada com **Illuursa*.

Ainda no tocante ao mais recente dos supracitados estudos de García (2021), temos de manifestar a nossa discordância relativamente à transliteração da legenda de reverso da dracma *CNH* 42:41a = *ACIP* 354 — **PelseTeai** (García, 2021, p. 28) — postulada por este autor. Cremos que a mesma admite as seguintes transliterações: **PelseCumí** (Faria, 2004b, pp. 177–178; 2007b, p. 167; 2008b [2009b], p. 160), **PelseCuni** ou mesmo **PelseCu‘na’i**. Convirá assinalar, contudo, que a primeira hipótese sai reforçada pela existência da legenda toponímica **Pinemí** (*ACIP* 2706 = *MIB* 151/2), que deverá remeter para uma cidade/ceca do sudoeste da Gália (quicá situada no povoado de Montlaurès ou nas suas proximidades) denominada **Bine* ou, menos verosimilmente, **Mine*.

Convirá, por outro lado, notar que **Peleśur**, a legenda gravada no reverso da dracma *ACIP* 410, configura um NP ibérico segmentável em **beleś·sur* (Faria, 1999a, p. 154; 2007a, p. 214), nada tendo, pois, que ver com o NL **Belse* (*contra*, García, 2021, p. 28).

PolśCen/PolśCan/Osca

De momento, não é nosso propósito retomarmos circunstanciadamente a abordagem a esta polémica legenda monetária (*CNH* 211:1–15), depois da ampla análise que pudemos consagrar à mesma num artigo publicado há poucos anos noutra número desta mesma revista (Faria, 2020a, pp. 9–10).

Por agora, interessa-nos tão-somente reiterar (Faria, 2008a [2009a], p. 70) que, caso seja **PolśCen** (Rodríguez, 2000, pp. 44, 45, n. 6, 53), e não **PolśCan**, a transliteração correcta da legenda monetária em apreço, não fica de modo nenhum posta

em causa “la consistente relación entre la leyenda **bolískan** y el nombre de la ciudad en su versión latina, *Oscá (...)*” (Gorrochategui, 2006, p. 125). *Oscá* configuraria sempre uma das possíveis latinizações tanto de **Bolísca* como de **Bolísce*. Lamentavelmente, o dislate praticado por Gorrochategui foi acolhido por Pérez Almoguera (2008, p. 62), Beltrán Lloris (2018, p. 39) e, em tempos mais recentes, por Amela (2021b, p. 13), ao declarar sem hesitações que a transliteração **PolísCen** “es admisible en celtibérico, pero no en nuestro caso, ya que se trata de un topónimo no indoeuropeo”.

Cascantum

Apesar da argumentação aduzida por Jordán (2019, pp. 286–287) no sentido de sustentar uma ascendência indo-europeia e especificamente céltica para **Caścanta*, a verdade é que não nos parece razoável excluir por completo uma filiação ibérica para o dito NL, sobretudo se identificarmos a base deste último com o membro inicial do NP **CaśCanCeTin** (H.7.1) (Faria, 1995c, p. 327; 2004a, p. 305; 2011 [2012], p. 162; 2020a, p. 3).

É para nós evidente que **CaśCanCeTin** conforma a única transliteração admissível deste NP (Faria, 1995c, p. 327; 2004a, p. 305; 2011 [2012], p. 162; 2016 [2017, p. 121]), devendo ser preteridas outras leituras, nomeadamente **CaśCauCeTiu** (*MLH* III 2, p. 653; De Hoz, 2016, p. 208; *MLH* V 2, p. 281).

Como não podia ser doutro modo, todas estas considerações foram meticulosamente omitidas por Beltrán & *alii* (2021, p. 116) numa recente abordagem ao NL *Cascantum*, suscitada pela ocorrência de um novo testemunho (desta vez fragmentário) do mesmo.

Cere

Acabou de ser dado à estampa um estudo cujo único propósito consistiu na publicação de diversas moedas pré-latinas, todas elas de prata, nas quais foi possível identificar a legenda toponímica **Cere** (Carol, 2022, *passim*).

Creemos que, no dito artigo, terão ficado por elencar os diversos NNP ibéricos que, muito provavelmente, contam com **Cere** na respectiva composição (Faria, 2007b, p. 169, com a bibliografia precedente): **adingere**, **aibeCere**, **arsgere aurgere**, **bilosg[e]re**, **culeścere**, **tořsincere** e **urcecere**. Em contrapartida, estão documentados outros NNP em cuja constituição entra **Cere**, sendo **CereCes** o mais plausível destes (Faria, 2007b, p. 169; 2010 [2011], p. 94). Resta averiguar que tipo de relação haverá (se é que existe alguma) entre os elementos onomásticos ibéricos **Cere** e **Cere**.

Cilpes/Cilibe/Cilpis

Não vislumbramos qualquer razão para duvidar de que a legenda toponímica reproduzida nos reversos das moedas pertencentes ao tipo *ACIP* 2616 é **CILPES**, e não **CILPE** (Veiga, 1910, pp. 229–233; Reis, 1934–1936, *passim*).

Não obstante tal facto, a transcrição **CILPES** tem continuado, nos últimos anos, a ser preterida em favor de **CILPE** (Correa, 2002 [2003], p. 135; 2005 [2006], p. 150; 2006, p. 104; 2016, p. 504; 2021, p. 367, n. 25; Sims-Williams, 2006, p. 225; *MLH* VI, p. 350). Convirá referir que **CILPES** é legenda que alterna, noutras moedas e/ou em objectos monetiformes, com **CILBE**, **CILBES**, **CILPIS** e **CILIP(?)** (Faria, 2007a, p. 218).

É bem verdade que muitos dos exemplares incluíveis naquele tipo, quase todos eles (senão mesmo todos) conhecidos através de catálogos de firmas leiloeiras, não exibem qualquer signo que suceda a CILPE. É de admitir que tal facto resulte da descentragem dos cunhos utilizados, mas não podemos excluir a possibilidade de estarmos na presença de numismas forjados.

Por outro lado, este NL pré-romano não deverá identificar qualquer cidade bética (*contra*, Correa, 2002 [2003], p. 135; 2005 [2006], p. 150; 2006, p. 104), estando com toda a certeza na origem do nome da actual cidade algarvia de Silves (Veiga, 1910, pp. 229–233; Faria, 1983, p. 217; 1987, p. 28, n. 18; 1995b, p. 146; 1997a, pp. 363–364; 1998c, p. 124; 2000a, pp. 134–135; 2003b, p. 326; 2004b, p. 186; 2007a, p. 218; Gomes, Gomes & Beirão, 1986, pp. 77–78; Guerra, 1995, p. 107; 1998, p. 397–399; 2006, pp. 333–334; 2017 [2018], pp. 159, 165; Marinho, 1998, pp. 24–25, 27; Barceló, 2002, pp. 495, 502, 507; 2010, p. 34; DCPH II, p. 106; Alarcão, 1990a, p. 361; 1990b, p. 22; 2005, pp. 294–295).

Não deixa de ser preocupante que só há menos de um ano é que Ordóñez & García-Dils de la Vega (2021), p. 786) conseguiram dar-se conta de que *Cilpes/Cilpis* não se situa em Marchena ou nas suas imediações. Era pelo menos esta a convicção de Ordóñez em 1995, sendo certo, por outro lado, que Correa só se rendeu à evidência entre 2006 e 2016 (Correa, 2006a, p. 150; 2006b, p. 104; 2016, p. 504).

**Ipolca/Obulco/iPolCa*

No artigo publicado no último número desta mesma revista, tivemos o ensejo de nos debruçarmos sobre **neselTuCu** (CNH 344:17–25), um vocábulo ibérico cuja natureza antroponímica tem sido posta em dúvida nos últimos anos, sem que os cépticos em causa tenham invocado um só indício susceptível de suportar tão frágil intuição (Simón, 2020, pp. 41, 137; *MLH* V 2, p. 377). Pena foi que Moncunill & Velaza (*MLH* V 2, p. 377) não tenham aventado qualquer exegese alternativa para o termo que eles transliteram (erroneamente, a nosso ver) como **neseldugo**.

É curioso constatar que, durante vários anos, Moncunill andou a defender, sem quaisquer hesitações, a existência do imaginário elemento antroponímico ibérico *nes* (Moncunill, 2010, p. 67; 2012, pp. 190, 216, n. 2; *MLH* V 2, p. 177; Moncunill & Velaza, 2020, p. 616), designadamente em AGIRNES, ALBENNES, ARRANES, BELENNES, ORDENNAS e NESILLE, não tendo deixado, em contrapartida, de encarar *nes*, apenas documentado, segundo a mesma autora, no presumível NP **Pieinesir** (C.0.2), como provável variante daquele segmento (Moncunill, 2010, p. 67; *MLH* V 2, p. 177).

Passados alguns anos, porém, como que por artes mágicas (toda a bibliografia de citação indispensável ficou no tinteiro), Moncunill (2021, p. 447) deixou de advogar a existência de *nes* nos ditos NNP, passando a individualizar nos mesmos o formante *nes*, por nós identificado há mais de três décadas, precisamente em **neselTuCu** (Faria, 1991a, p. 190; 1991b, pp. 16, 17–18; 1993, p. 157; 1994a, pp. 49–50, n.º 261; 1994b, p. 67; 1995a, pp. 80, 83–84; 1995c, p. 324; 1996, p. 166; 1997b, pp. 106, 111; 1998d, pp. 236, 238; 2000a, pp. 123, 137; 2000b, p. 65; 2001c, pp. 207, 209; 2002a, pp. 133, 135; 2003a, p. 215; 2004a, p. 288; 2006, p. 117; 2007a, pp. 216, 223; 2012, p. 99; 2013, pp. 194–195; 2018a, p. 88; 2018b, p. 120; 2019, p. 60; 2021, p. 33).

É este comportamento pouco edificante que se reflecte noutras inanidades disseminadas no mesmo texto, tais como o anúncio da descoberta de uma espécie de “rei dos Belgas” numa inscrição ibérica (Moncunill, 2021, p. 450, n. 30) — uma distorção arbitrária da transliteração, até hoje nunca questionada (nem sequer por esta

mesma autora: *MLH* V 2, p. 161), de um NP presumivelmente céltico (Faria, 2012, p. 104) — ou a atribuição a Simón (2017) da autoria da interpretação de *Tempestiuus* como um *Deckname* de tradução (Faria, 2018b, p. 123).

Tal como vimos em trabalho anterior (Faria, 2013, pp. 194–195), obviamente omitido por Moncunill, *neś* não é mais do que um formante onomástico em má hora inventado por Untermann.

ilTicira/*Ildi(r)cira/*Ilduícira

Seria pura perda de tempo repetirmos a argumentação demasiadas vezes usada com vista a sustentar a bondade da transliteração da legenda toponímica **ilTicira** (*CNH* 356:1–2) em prejuízo de outras, que nunca foram devidamente argumentadas (Faria, 1991a, p. 192; 1991b, p. 16; 1995a, p. 82; 1997b, pp. 108, 110; 1999a, p. 155; 2000a, pp. 132–133; 2000b, p. 63; 2001a, pp. 100–101; 2003a, pp. 220–222; 2004b, p. 180; 2005b, p. 277; 2008a [2009a], p. 66; 2015, p. 137; 2016 [2017], p. 128; 2017, pp. 87–88; 2020b, p. 14).

Resta-nos tão-somente referir que continuam a ser alvitradas diversas transliterações alternativas à nossa, destituídas de qualquer fundamento de ordem epigráfica ou linguística, como se os nomes e os *curricula* dos seus paladinos bastassem para conferir a tais transliterações alguma credibilidade.

Atente-se, por exemplo, nas páginas recentemente dedicadas por Fornell (2021, pp. 75–76) a este NL, nas quais, tal como era de temer, decidiu dar preferência à transliteração *Iltiraka* em detrimento da que vimos advogando há mais de 30 anos. Segundo Fornell (2021, p. 76), não há margem para qualquer divergência acerca da “lectura de los cuatro primeros signos, transcritos como *Iltir*, cuyo contenido semántico puede relacionarse tanto con «lobo» como con «ciudad»”.

Temos, pois, de concluir que o benefício que se retira da leitura das ditas páginas é, infelizmente, escasso. Salvam-se da penúria argumentativa, por um lado, as fundadas reservas manifestadas relativamente à localização de “*Iltiraka*” em Úbeda la Vieja (Fornell, 2021, p. 76) e, por outro, a defesa da diferenciação entre *Salaria* e *Lupparia* (*MLH* VI, p. 508) (ou **Luparia*: Correa, 2016, p. 368) (Fornell, 2021, p. 76), cidades que, segundo Mozas (2006, p. 275), corresponderiam a uma só. Trata-se, no entanto, de uma tese que já foi por nós desmontada há não poucos anos (Faria, 2008a [2009a], p. 78), um facto que Fornell (2021, p. 76) omitiu.

Dando continuidade a uma já longa tradição, também Grau (2021, p. 102) não manifestou quaisquer dúvidas acerca da bondade da transliteração *Iltiraka*.

Desconhecemos quaisquer provas que invalidem definitivamente a correspondência que vimos propugnando entre a legenda toponímica **ilTicira** e o NL *Ilorcira*, tal como figura em Plínio (*nat.* 3.9) (Capalvo, 1996, pp. 130–131; Faria, 2003a, pp. 220–222). Não obstante, cumpre-nos assinalar a hipótese, aventada muito recentemente, de *Ilorcira* constituir a metátese de ILIORICE, NL que alterna com ILOCRICI e com ILIOCRI[CE/I] em *tremisses* visigóticos cunhados nos reinados de Sisebuto e de Sisenando em ceca a localizar na actual cidade de Lorca (Múrcia) (Martínez Chico, 2022, p. 112 e *passim*).

Ilici

Blázquez (2022, pp. 146, 157, n. 111) veio recentemente defender que SETTAL, *cognomen* de um dos duúnviros mencionados em *APRH* 196–197, se encontra completo. Todavia, pelas razões, até hoje por questionar, que expusemos com algum

pormenor há alguns anos (Faria, 2011 [2012], p. 173; 2015, p. 129), e ao arrepio da nossa perspectiva prévia (Faria, 2004b, p. 186), continuamos a crer que SETTAL corresponde a um NP de matriz céltica (Faria, 2011 [2012], p. 173; 2015, p. 129), devendo abreviar SETTAL(us).

A inclusão deste NP na onomástica céltica já havia sido aventada por Albertos (1966, p. 206), que se apoiava numa leitura errada (SETAL), ao analisar o NP em apreço como um derivado do radical *set-*.

Do nosso ponto de vista, Blázquez (2022, p. 144) voltou a equivocarse ao identificar o duúnviro quinquenal Q(uintus) PAPIR(ius) CAR(bo) (Foy-Vaillant, 1688, p. 53; Faria, 1994a, p. 51, n.º 287; 1996, p. 168; Alföldy, 2003, p. 40 e n. 26), documentado em APRH 192–193, com um inverosímil Q. *Papirius Carus*.

Estendendo o âmbito da nossa crítica à tipologia das moedas de *Ilici*, a emissão APRH 198, pertencente à época de Tibério, exhibe como tipo de reverso duas figuras masculinas ladeando um *thymiaterion*, togadas, de mão dada, as quais, a partir de uma sugestão avançada por S. Price (*apud RPC* I, p. 98), deverão representar os *genii* de *Ilici* e *Icosium* (Faria, 2006, pp. 221–222). Lamentavelmente, Blázquez (2022, p. 146), seguindo a vulgata, optou por ver uma ara em vez de um *thymiaterion*, além de ter interpretado as duas figuras masculinas como magistrados, um de *Ilici* e o outro de Roma (Blázquez, 2022, p. 147).

Liberalitas Iulia Eborae

Não é fácil encontrar uma explicação plausível para o uso do genitivo na legenda toponímica dos reversos das moedas de *Liberalitas Iulia Eborae*, uso este que julgávamos não ter paralelo nas cunhagens romanas provinciais coetâneas (Faria, 1999b, p. 33; 2001b, p. 72). A única explicação que nos ocorreu para semelhante facto residia na possibilidade de a legenda do reverso consistir na continuação da legenda presente no anverso. Assim, leríamos PERM(ISSV) CAES(ARIS) AVG(VSTI) P(*arentis*) [*uel P(atroni)*] M(*unicipii*) LIBERA(LITATIS) IVL(IAE) EBOR(AE) (Faria, 1999b, p. 33; 2001, p. 72).

A leitura de um recente artigo redigido por Villemur (2022) veio chamar a nossa atenção para a existência de outras cecas que exibem a respectiva legenda toponímica em genitivo. Trata-se de *Pella* (*RPC* I 1549) (Villemur, 2022, p. 37) e, possivelmente, de *Cassandra* (< <https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/5416A> >) (Villemur, 2022, *passim*). Temos, no entanto, de manifestar sérias dúvidas quanto à tese defendida por Villemur (2022, p. 37, n. 14), segundo a qual o NL em genitivo remete implicitamente para *Moneta*. Repare-se que não há qualquer solução de continuidade na sequência [IM]P CAES COLONIAE IVLIAE []A[]SIS; por outro lado, ao invés do que sustenta Villemur (2022, p. 37, n. 14), nada indicia que COLONIAE PELLENSIS, a legenda interna circular gravada nos reversos de *RPC* I 1549, se associe à legenda externa SPES, que se encontra inscrita no exergo. Bem pelo contrário: não podia ser mais notória a preocupação do *sculptor* em separar ambas as legendas.

Noua Karthago

Ainda que nem sempre da maneira mais adequada, foram diversas as ocasiões em que nos debruçámos sobre a legenda de anverso de *RPC* I 166 (Faria, 1993c, 142; 1994c, p. 45, n.º 179; 1999c, p. 268; 2001, p. 214; 2005, p. 474).

Temos admitido como mais plausível a transcrição TI(*berio*) NERO‘NE’ QVI(*nquennali*) C(*ai*) HELVI(*o*) POLL(*ione*) PR(*aefecto*), se bem que não possam ser

descartadas as leituras C(aio) HELVI(o) POLL(ione) PR(aefecto) (pro) TI(berio) NERO‘NE’ QVI(nquennali) ou mesmo C(aius) HELVI(us) POLL(io) PR(aefectus) (pro) TI(berio) NERO‘NE’ QVI(nquennali).

São, por conseguinte, de monta as dificuldades em aceitar a bondade da transcrição C HELVI POLL PR TI NERONE QVI (Melchor & Torres, 2021, p. 745) como se a interpretação dela decorrente fosse *C. Helvius Pollio praefectus Tiberii Neronis Iivir quinquennalis* (Melchor & Torres, 2021, p. 747).

Saetabi < **Saitabi* < **śaiTaPi**

Por razões de vária ordem que fomos aduzindo na última década a propósito do NL reproduzido em *CNH* 314:1, 2 e 11 (Faria, 2007b, pp. 178–179; 2008a [2009a], p. 86; 2013, pp. 199–200; 2014, pp. 178–179; 2018b, pp. 121–122), consideramos agora altamente improvável que o signo final de **śaiTi** corresponda a /t/, um expediente que permitiria entender a citada legenda monetária como implausível abreviação de **śaiT(aPi)**, propugnada nos últimos anos por diversos autores (Estarán, 2016, p. 310, n. 138; 2021, p. 115, n. 24; Ripollès & Sinner, 2019, p. 384; 2021, p. 416), com a dificuldade acrescida de fazer equivaler os dois últimos signos da legenda **śaiTír** a algo semelhante a /tr/, *i.e.*, um grupo de *muta cum liquida*, uma sequência consonântica que, como é bem sabido, está vedada pelas regras fonotáticas do ibero.

A continuada incúria revelada por Estarán no tratamento deste tema fica bem patente na resistência desta autora em esboçar ao menos alguma tentativa de explicação para a ineludível afinidade que este NL mantém com **śaiaPi**, legenda identificativa da mesma ceca (Faria, 2008a [2009a], pp. 85–86). Também Ripollès & Sinner (2019, p. 384; 2021, p. 416) se eximiram de referir a existência deste último letreiro. Continua a ser nossa convicção que este testemunho constitui um forte contributo para a defesa da segmentação de **śaiTaPi** em **śai·T·aPi** (**Sai·t·abi*) ou em **śai·T(i)·aPi** (**Saidi·abi* < **Sai·di·abi*) (Faria, 2014, pp. 178–179), não podendo, no entanto, ser completamente posta de parte uma segmentação em **śai·TaPi** (Faria, 2007b, pp. 178–179; 2013, p. 201). Como é evidente, não reconhecemos qualquer legitimidade a Estarán (2021, p. 120, n. 47) para reivindicar a autoria da individualização do segmento onomástico ibérico *śai* no NL em análise.

A confirmar-se a correspondência que temos vindo a defender entre este formante e o apelativo basco *sai* ‘abutre *uel sim.*’ (Faria, 2007b, pp. 178–179; 2008a [2009a], p. 86; 2013, pp. 199–200; 2014, pp. 178–179), nenhum proveito pode ser extraído do que Rodríguez (2018, pp. 199–200) escreveu a propósito do NL em questão. De resto, não terá sido obra do acaso que Rodríguez (2018, pp. 199–200) tenha prescindido de qualquer alusão à existência das legendas **śaiaPi** e **śaiTi**, limitando-se a elucidar acerca de **śaiTaPi** e **śaiTír**.

Também Membrado (2021, p. 817) evitou pronunciar-se acerca das legendas que pudessem colocar em causa a tese por ele advogada: a inclusão de **Saitabi* na toponímia indo-europeia. Efectivamente, Membrado acredita que **Saitabi* configura um NL indo-europeu, datável da Idade do Bronze, tendo, a partir do século VII a.C., sido acomodado à morfo-fonologia ibérica (Membrado, 2021, pp. 811, 814, 817). Este investigador traduziu **Saitabi* por ‘sete águas’ (com o significado de ‘abundância de água’) (Membrado, 2021, p. 817), não tendo deixado de registar o facto, quanto a nós meramente anedótico, de hoje existir nas proximidades de Xátiva uma povoação denominada *Siete Aguas*. Todavia, entre outras objecções que podem ser apontadas a esta interpretação, nenhuma tentativa de explicação é avançada com vista a sustentar, através de *comparanda*, a ocorrência do pretense numeral **sait* numa qualquer língua

indo-europeia pré-romana, atestada, ou não, em território hispânico. Por outro lado, conquanto Membrado não tenha aludido a uma tal eventualidade, mal se compreenderia que a raiz indo-europeia **septm* tivesse sido adaptada como **sait* em ibero.

Bibliografia

- ACIP = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre; BENAGES I OLIVÉ, Jaume (2011) – *Ancient coinage of the Iberian Peninsula: Greek / Punic / Iberian / Roman. Les monedes de l'Edat Antiga a la Península Ibèrica*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- ALARCÃO, Jorge de (1990a) – O reordenamento territorial. In ALARCÃO, Jorge de, ed. – *Nova História de Portugal, I: Portugal das origens à romanização*. Lisboa: Presença, pp. 352–382.
- ALARCÃO, Jorge de (1990b) – Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios. In *Les villes de Lusitanie romaine: hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du CNRS (Talence, le 8–9 décembre 1988)*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 21–34.
- ALARCÃO, Jorge de (2005) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – III. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 293–311.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ALFÖLDY, Géza (2003) – Administración, urbanización, instituciones, vida pública y orden social. *Canelobre*. 48, pp. 35–57.
- AMELA VALVERDE, Luis (2016) – Los bronce ibéricos de Neronken, sus imitaciones y emisiones emparentadas. *Gaceta Numismática*. 192, pp. 17–43.
- AMELA VALVERDE, Luis (2021a) – A vueltas con la *Turma Salluitana* y su relación con la clientela pompeyana. *Hispania Antiqua*. 45, pp. 20–69.
- AMELA VALVERDE, Luis (2021b) – La ceca de Bolskan. Una nota. *Gaceta Numismática*. 202, pp. 6–31.
- APRH = RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2010) – *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BARCELÓ TORRES, Carme (2002) – Adaptación arábiga de los topónimos antiguos. In *Congrés Internacional de Toponímia i Onomàstica Catalanes (València, 18–21 d'abril de 2001)*. València: Denes Editorial, pp. 489–510.
- BARCELÓ TORRES, Carme (2010) – *Noms aràbics de lloc*. València: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana; Alzira: Edicions Bromera.
- BELASKO ORTEGA, Mikel (1999²) – *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.^a ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (2018) – ¿bolískan o bolísken? In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CASTILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 15–50.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; DÍAZ ARIÑO, Borja; SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2021) – *El Bronce de Novallas (Zaragoza) y la epigrafía celtibérica en alfabeto latino*. Zaragoza: Museo.
- BENAGES OLIVÉ, Jaume (2020) – La pretesa dracma ibèrica amb llegenda “KeSE”. *Acta Numismàtica*. 50, pp. 57–60.

- BLANCO GARCÍA, Juan Francisco (1990) – Nuevas aportaciones a la circulación monetaria ibérica de Coca (Segovia). *Gaceta Numismática*. 97–98, pp. 13–17.
- BLÁZQUEZ CERRATO, María de las Cruces (2022) – Arquitectura pública y acuñaciones provinciales en Hispania. In DES BOSCS, Françoise, ed. – *Évergétisme et architectures dans le monde romain (IIe siècle av. J.-C. – Ve siècle ap. J.-C.)*. Pau: Presses Universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, pp. 139–157.
- CAPALVO LIESA, Álvaro (1996) – *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- CAROL VENDRELL, Marc (2022) – La seca ibèrica de KERE (la Cerdanya). Noves aportacions a la numismàtica ibèrica catalana. *Acta Numismàtica*. 52, pp. 173–180.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CONEJO DELGADO, Noé (2021) – Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C. *Setúbal Arqueológica*. 20, pp. 347–356.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2002) [2003] – La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. 2, pp. 133–139.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2005) [2006] – Del alfabeto fenicio al semisilabario paleohispánico. *Palaeohispanica*. 5, pp. 137–154.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2006) – La cantidad vocálica en topónimos paleohispánicos meridionales latinizados. In *Las raíces clásicas de Andalucía: actas del IV Congreso de Estudios Clásicos*. Córdoba: CajaSur, pp. 101–106.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2016) – *Toponimia antigua de Andalucía*. Sevilla: Universidad.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2021) – Consideraciones sobre tres topónimos prerromanos del sur de Portugal. *Palaeohispanica*. 21, pp. 353–368.
- COSTA, António Inácio Marques da (1910) – Estações prehistoricas dos arredores de Setubal. Appendice. Homem protohistorico. Idades do bronze e do ferro no Castro de Chibanes. *O Archeologo Português*. 15, pp. 55–83.
- CURCHIN, Leonard A. (1990) – *The local magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press.
- CURCHIN, Leonard A. (2015) – *A Supplement to The Local Magistrates of Roman Spain*. Waterloo: Ed. do Autor [livro electrónico].
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, María Cruces (2001) [2002] – *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995a) – Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispánica: ciudad y territorio: actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 317–324.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995b) – El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT BUSQUETS, Jaume; VIVES I

- BALMAÑA, Elisenda, eds. – *Muntanyes i població: el passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinària*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenenques, pp. 271–297.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011) – *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2016) – Los turdetanos. ¿Quiénes eran y qué hablaban? In MAIA, Manuel, ed. – *Atas da Mesa Redonda Turdetânea e Turdetanos*. Castro Verde: Museu da Lucerna, pp. 200–228.
- DELMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DLG = DELMARRE, Xavier (2003²) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée. (2001¹)*. Paris: Errance.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2021) – Eloquência duma moeda. In *Arqueología y numismática. Estudios en homenaje a la profesora Francisca Chaves Tristán*. Sevilla: Universidad, pp. 251–257.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2016) – *Epigrafía bilingüe del Occidente romano: el latín y las lenguas locales en las inscripciones bilingües y mixtas*. Zaragoza: Universidad.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2021) – Arse-Saguntum, la ciudad de los dos nombres. *Studia Antiqua et Archaeologica*. 27:1, pp. 109–132.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2022) – The epigraphy and civic identity of Saguntum: A historical and sociolinguistic study of a bilingual city in the Roman West (2nd century BC to early 1st century AD). *Pyrenae*. 53:1, pp. 135–158.
- EVANS, David Ellis (1967) – *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.
- FARIA, António Marques de (1983) – As moedas da Lusitânia portuguesa. Sua recente abordagem em duas obras espanholas da especialidade. *Moeda*. 8:6, pp. 215–217.
- FARIA, António Marques de (1987) – Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do *Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua*. *Numismática*. 47, pp. 24–28.
- FARIA, António Marques de (1989) – A numária de *Cantnipo. *Conimbriga*. 28, pp. 71–99.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V *Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova Série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.

- FARIA, António Marques de (1995b) – Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 143–153.
- FARIA, António Marques de (1995c) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997a) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1997b) – Moedas da época romana cunhadas no actual território algarvio. In FARIA, António Marques de; BARATA, Maria Filomena, eds. – *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 361–371.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. – *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 241–256.
- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1, pp. 228–234.
- FARIA, António Marques de (1998c) – [Recensão de] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E. (1997) – *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis. *Vipasca*. 7, pp. 123–126.
- FARIA, António Marques de (1998d) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1999a) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (1999b) – Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:2, pp. 29–50.
- FARIA, António Marques de (1999c) – [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. – *Roman Provincial Coinage. I. From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC–AD 69)*, 2 Parts. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1992. 812 p. + 195 ests. ISBN 0-7141-0871-5 (BMP); ISBN 2-7177-1845-1 (BnF) e BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. - *Roman Provincial Coinage. Supplement I*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1998. 60 p. + 10 ests. ISBN 0-7141-0894-4 (BMP); ISBN 2-7177-2049-9 (BnF). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 267–272.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.

- FARIA, António Marques de (2001b) – *Oppida ueteris latii Eborae, quod item Liberalitas Iulia, et Myrtilis ac Salacia* (Plin. nat. 4.117). *Vipasca*. 10, pp. 71–82.
- FARIA, António Marques de (2001c) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) – [Recensão de] RIPOLLÈS, Pere Pau – *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana; 1). 334 p. ISBN 84–95983–52–4. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 630–635.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2006) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13:1, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.
- FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.

- FARIA, António Marques de (2016) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.
- FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.
- FARIA, António Marques de (2017) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.
- FARIA, António Marques de (2018a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (27). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 75–137.
- FARIA, António Marques de (2018b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.
- FARIA, António Marques de (2019) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (28). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 22, pp. 55–78.
- FARIA, António Marques de (2020a) – Notas soltas de numismática hispânica (com um apêndice norte-africano). *Hécate*. 7, pp. 1–19.
- FARIA, António Marques de (2020b) – Topónimos e antropónimos em moedas hispânicas: algumas notas historiográficas. In DE FRANCISCO OLMOS, José María; RETAMERO SERRALVO, Félix, eds. – *Homenaje a Josep Pellicer i Bru*. Barcelona: Asociación Numismática Española, pp. 11–27.
- FARIA, António Marques de (2021) – Notas de numismática hispânica (2). *Hécate*. 8, pp. 25–52.
- FERRER I JANÉ, Joan (2006) [2008] – Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. 23, pp. 129–170.
- FERRER I JANÉ, Joan (2007) [2008] – Sistemes de marques de valor lèxiques en monedes ibèriques. *Acta Numismàtica*. 37, pp. 53–73.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) – La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In SINNER, Alejandro G., ed. – *La moneda de los iberos: Ituro y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018) – Revisión de las inscripciones ibéricas rupestres del abrigo del Tarragón (Losa del Obispo): primeros resultados. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 15, pp. 221–261.
- FERRER I JANÉ, Joan (2021) – La escritura turdetana en el contexto de las escrituras paleohispánicas. In MONCUNILL MARTÍ, Noemí; RAMÍREZ SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *Aprender la escritura, olvidar la escritura: nuevas perspectivas sobre la historia de la escritura en el Occidente romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 67–94.
- FORNELL MUÑOZ, Alejandro (2021) – Salaria: una colonia augustea para el control de la sal en el alto Guadalquivir. In MANGAS MANJARRÉS, Julio; PADILLA ARROBA, Ángel, eds. – *Gratias tibi agimus: homenaje al Prof. Cristóbal González Román*. Granada: Universidad, pp. 73–90.
- FOY-VAILLANT, Jean (1688) – *Numismata aerea imperatorum, Augustarum, et Caesarum, in coloniis, municipiis, et urbibus jure Latii donatis, ex omni modulo percussa*. Paris: Daniel Horthemels.
- GARCÍA GARRIDO, Manuel (2020) – Divisor de imitación massaliota con leyenda BeLSETaR. *Acta Numismàtica*. 50, pp. 42–43.
- GARCÍA GARRIDO, Manuel (2021) – Comentarios sobre los divisores de imitación massaliota. *Acta Numismàtica*. 51, pp. 23–55.
- GAVEL, Henri (1921) – Éléments de phonétique basque. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. 12:1, pp. 2–536.

- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; BEIRÃO, Caetano de Mello (1986) – O Cerro da Rocha Branca (Silves): Resultados preliminares de três campanhas de escavações. In *4.º Congresso do Algarve*, vol. 1. Silves: Racal Clube, pp. 77–83.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) – *Misceláneas. Historia–arte–arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2006) – Onomástica vasconica y aquitana: elementos para el conocimiento de la historia antigua de Navarra. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. – *Navarra en la Antigüedad: propuesta de actualización*. Pamplona: Gobierno de Navarra, pp. 111–134.
- GRAU MIRA, Ignacio (2021) – Nuevos paisajes urbanos para la sociedad ibérica. In SANZ GAMO, Rubí; ABAD CASAL, Lorenzo; GAMO PARRAS, Blanca, eds. – *150 años con los íberos. Catálogo de la exposición 150 años con los íberos (1871–2021)*. Albacete: Diputación, pp. 99–105.
- GUERRA, Amílcar (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- GUERRA, Amílcar (1998) – *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular* (tese de doutoramento policopiada). Lisboa: ed. do autor.
- GUERRA, Amílcar (2006) – As fontes clássicas relativas ao território do actual Algarve: uma perspectiva crítica sobre o seu contributo histórico. *Xelb*. 6, pp. 329–338.
- GUERRA, Amílcar (2017) [2018] – Nomes de povos e de lugares da Lusitânia: 25 anos de investigação. In NOGALES BASARRATE, Trinidad, ed. – *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación. Actas IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania (Museo Arqueológico Nacional, 29–30 septiembre 2016)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 155–176.
- IRC III = FABRE, Georges; MAYER I OLIVÉ, Marc; RODÀ DE LLANZA, Isabel (1991) – *Inscriptions romaines de Catalogne III. Gérone*. Paris: De Boccard.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2019) – *Lengua y epigrafía celtibéricas*. 2 vols. Zaragoza: Universidad.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2005) [2006] – Los topónimos en las inscripciones ibéricas. *Palaeohispanica*. 5, pp. 471–489.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) – Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 49–88.
- MARINER BIGORRA, Sebastián (1972) – Adaptaciones latinas de términos hispánicos. In *Homenaje a Antonio Tovar ofrecido por sus discípulos, colegas y amigos*. Madrid: Gredos, pp. 283–299.
- MARINHO, José Rodrigues (1998) – As moedas hispano-romanas do território português. Achados recentes e algumas considerações. In *IV Congresso Nacional de Numismática, 23 a 25 de Julho. Actas*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal, pp. 21–28.
- MARTÍNEZ CHICO, David (2022) – Un *tremissis* inédito de *Iliorice/Eliocroca* (Lorca) acuñado por Sisebuto y sus implicaciones históricas. *Documenta & Instrumenta*. 20, 2022, pp. 105–126.
- MEMBRADO TENA, Joan Carles (2021) – Interpreting protohistoric societies through place names of landscape features: a case study in València, Spain. *Landscape Research*. 46:6, pp. 811–827.
- MIB = Moneda ibérica < <https://monedaiberica.org/v2/> > [consulta de 23/06/2022].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977²) – *Fonética histórica vasca*. 2.ª ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.

- MICHELENA ELISSALT, Luis (1972) – Nota marginal sobre la huella latina en la lengua vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. 4, pp. 5–25.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 2 = MONCUNILL MONCUNILL, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2019) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V, 2: Lexikon der iberischen Inschriften | Léxico de las inscripciones ibéricas*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2007) – *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991–2006). Tesi doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías*. Barcelona: Universitat.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) – *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2012) – El orden de los formantes antropónimicos en la lengua ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 12, pp. 189–217.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2021) – Variación y continuidad en la onomástica personal de los iberos (s. V a. C. – II d. C.). *Palaeohispanica*. 21, pp. 435–465.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2020) – Iberian. *Palaeohispanica*. 20, pp. 591–629.
- MORA SERRANO, Bartolomé (2011) – Apuntes sobre la iconografía de las monedas de *Beuipo-(Salacia) (Alcácer-do-Sal, Setúbal). In CARDOSO, João Luís; ALMAGRO GORBEA, Martín, eds. – *Lucius Cornelius Bocchus: escritor lusitano da Idade de Prata da literatura latina. Actas do colóquio celebrado em Tróia (Outubro de 2010)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História; Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 73–102.
- MOZAS MORENO, María de los Santos (2006) – Consideraciones sobre las emisiones de *Iltiraka*: procedencia y tipología. In *Actas del XII Congreso Nacional de Numismática, Madrid, 25–26 de octubre de 2004*. Madrid: Real Casa de la Moneda, pp. 269–286.
- ORDÓNEZ AGULLA, Salvador (1995) – La romanización en Marchena. In *Actas de las I Jornadas sobre Historia de Marchena*. Marchena: Ayuntamiento, pp. 37–72.
- ORIBE FERNÁNDEZ, Alfredo (2011) [2013] – Jatorri antroponimikodun toponimia euskal lurretan: 25 leku izen. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 45:1, pp. 327–360.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2008) – Las monedas con nombres de étnicos del s. II a.C. en el Nordeste peninsular. ¿Reflejo de posibles circunscripciones?, ¿*Civitates* con doble nombre?. *Archivo Español de Arqueología*. 81, pp. 49–73.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007) – Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 89–117.
- PIMENTA, João; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; PEREIRA, Teresa Rita (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*. 3, pp. 45–79.
- PINA POLO, Francisco (2003 [2004]) – ¿Por qué fue reclutada la *turma Salluitana* en Salduie?. *Gerión*. 21:1, pp. 197–204.

- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) – *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- REIS, Pedro Batalha (1934–1936) – Moedas de Cilpes e não Cilpe. *Revista de Arqueologia*. 2, pp. 118–119.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; SINNER, Alejandro G. (2019) – Coin evidence for Palaeohispanic languages. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Palaeohispanic languages and epigraphies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 365–395.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; SINNER, Alejandro G. (2021) – Testimonios numismáticos de las lenguas paleohispánicas. In SINNER, Alejandro G.; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Lenguas y epigrafías paleohispánicas*. Barcelona: Bellaterra, pp. 397–429.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) – Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. 73, pp. 43–57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2018) – Estudio de fenómenos consonánticos de la lengua íbera. *Veleia*. 35, pp. 189–211.
- RPC I = BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (1992) – *Roman Provincial Coinage, I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC – AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- SALINAS DE FRÍAS, Manuel (2021) – Aediles Lusitaniae. In MANGAS MANJARRÉS, Julio; PADILLA ARROBA, Ángel, eds. – *Gratias tibi agimus: homenaje al Prof. Cristóbal González Román*. Granada: Universidad, pp. 665–686.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2017) – El *cognomen Tempestivus*. *Habis*. 48, pp. 57–64.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2020) – *Nombres ibéricos en inscripciones latinas*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick (2006) – *Ancient Celtic place-names in Europe and Asia Minor*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- UHLENBECK, Christian Cornelius (1910) – Contribution à une phonétique comparative des dialectes basques (fin). *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. 4:1, pp. 65–120.
- VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1910) – Antiguidades monumentaes do Algarve (continuação). *O Archeologo Português*. 15, pp. 209–233.
- VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1998) – *Les dracmes ibériques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- VILLARONGA SÁNCHEZ, Gabriel (2020) – Troballa de dracmes, divisors i denaris, potser de la zona de Tivissa. *Acta Numismàtica*. 50, pp. 31–42.
- VILLEMUR, Patrick (2022) – Une monnaie inédite d'une colonie julienne: Cassandree en Macédoine? *Bulletin de la Société Française de Numismatique*. 77:2, pp. 35–41.
- YARZA URQUIOLA, Valeriano (2015) – Notas sobre toponimia de origen romano en Bizkaia. *Fontes Linguae Vasconum*. 120, pp. 345–384.